

[https://doi.org/10.20873/ago2024\\_5](https://doi.org/10.20873/ago2024_5)



## ARQUITETURA E PERCEÇÃO AMBIENTAL OU UMA CONSTRUÇÃO FENOMENOLÓGICA DO HABITAR

## ARCHITECTURE AND ENVIRONMENTAL PERCEPTION OR A PHENOMENOLOGICAL CONSTRUCTION OF DWELLING

## ARQUITECTURA Y PERCEPCIÓN AMBIENTAL O UNA CONSTRUCCIÓN FENOMENOLÓGICA DEL HABITAR.

Laelia Regina Batista Nogueira<sup>1</sup>

### RESUMO

Este estudo evidencia as relações espaciais do povo Sateré-Mawé, fundamentado em um relato de vivência após dias de imersão nesse grupo. A abordagem fenomenológica foi adotada como referencial teórico. Buscamos compreender a percepção ambiental de um grupo focal desse povo, especialmente durante a proposta inicial de construir uma casa de parto em Maués, Amazonas, que acolhesse as mulheres Sateré quando estas estivessem na cidade. Utilizando dinâmicas em grupo e metodologias participativas de projeto de arquitetura, além de mutirões de capina e abertura de clareiras, o estudo demonstra as possibilidades de uma arquitetura fenomenológica. Essa abordagem se baseia no conhecimento tradicional e na percepção ambiental dos povos tradicionais, elementos essenciais para o desenvolvimento de espaços que se alinham à arquitetura vernacular. A fenomenologia, como principal suporte teórico, permite a integração entre campo e teoria, abrindo caminhos para novas possibilidades e compreensões a partir das experiências do mundo vivido, enfocando principalmente nas relações sensoriais e de percepção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Percepção ambiental; Fenomenologia; Arquitetura; Indígena.

### ABSTRACT

This study highlights the spatial relationships of the Sateré-Mawé people, based on a narrative of lived experience following days of immersion with this group. A phenomenological approach was adopted as the theoretical framework. We aimed to understand the environmental perception of a focal group of these people, especially during the initial proposal to build a birthing house in Maués, Amazonas, to accommodate Sateré women when they were in the city. Using group dynamics and participatory methodologies in architectural design, as well as collective efforts for clearing and opening spaces, the study demonstrates the possibilities of a phenomenological architecture. This approach is based on the traditional knowledge and environmental perception of indigenous peoples, essential elements for developing spaces that

<sup>1</sup> Universidade Federal do Amazonas (UFAM), [laelianogueira2023@gmail.com](mailto:laelianogueira2023@gmail.com)

[https://doi.org/10.20873/ago2024\\_5](https://doi.org/10.20873/ago2024_5)



align with vernacular architecture. Phenomenology, as the main theoretical support, allows for the integration of fieldwork and theory, opening pathways to new possibilities and understandings from lived experiences, focusing primarily on sensory and perceptual relationships.

**KEYWORDS:** Environmental Perception; Phenomenology; Architecture; Indigenous.

## RESUMEN

Este estudio evidencia las relaciones espaciales del pueblo Sateré-Mawé, basado en un relato de vivencia tras días de inmersión en este grupo. Se adoptó el enfoque fenomenológico como marco teórico. Buscamos comprender la percepción ambiental de un grupo focal de este pueblo, especialmente durante la propuesta inicial de construir una casa de parto en Maués, Amazonas, que acogiera a las mujeres Sateré cuando estuvieran en la ciudad. Utilizando dinámicas de grupo y metodologías participativas de diseño arquitectónico, además de trabajos comunitarios de desbroce y apertura de claros, el estudio demuestra las posibilidades de una arquitectura fenomenológica. Este enfoque se basa en el conocimiento tradicional y en la percepción ambiental de los pueblos tradicionales, elementos esenciales para el desarrollo de espacios que se alineen con la arquitectura vernácula. La fenomenología, como principal soporte teórico, permite la integración entre campo y teoría, abriendo caminos para nuevas posibilidades y comprensiones a partir de las experiencias del mundo vivido, enfocándose principalmente en las relaciones sensoriales y de percepción.

**PALABRAS CRAVE:** Percepción ambiental; Fenomenología; Arquitectura; Indígena.

## 1 INTRODUÇÃO

Em meio à Amazônia e sua grande diversidade, no município de Maués, pertencente à Mesorregião do Centro Amazonense e Microrregião de Parintins, a 356 km de Manaus, capital do estado do Amazonas, vivem diversos povos de variadas etnias. Entre o final e o início de cada mês, reúnem-se, vindos de comunidades e rios, para obter na cidade benefícios sociais, como alimentos, produtos industrializados e, principalmente, os benefícios sociais implementados pelo Governo Federal, como, por exemplo, o Bolsa Floresta, renda de suma importância para esses habitantes, visto que muitos vivem da renda obtida de trabalhos na agricultura, extrativismo, artesanato e até de pequenas construções como ajudantes de pedreiros, venda de alimentos como farinha ou o guaraná – produto mais valorizado e abundante da região, famosa pela sua produção. Dentre esses, encontram-se os povos da etnia Sateré-Mawé, sendo maioria entre as demais etnias e grupo com o qual foi vivenciada essa experiência.

O objetivo da proposta foi observar e trazer à luz a relação espacial de aproximadamente doze (12) indígenas do grupo étnico Sateré-Mawé, e envolvê-los em todo o

[https://doi.org/10.20873/ago2024\\_5](https://doi.org/10.20873/ago2024_5)



processo de estudo preliminar de um projeto arquitetônico em que eles seriam os usuários. Assim, o projeto partiria da compreensão e da forte relação que o grupo mantém com o ambiente, reconhecendo, assim, suas percepções espaciais, essenciais para o desenvolvimento do projeto.

O estudo preliminar do projeto arquitetônico foi subsidiado pela Organização Não Governamental MamaEkos – ONG que tratava com parteiras tradicionais, buscando valorizar sua cultura e seu saber. O estudo partiu da ideia de construção da casa de parto; porém, após alguns encontros com o grupo, o projeto arquitetônico propôs como produto final, um complexo que contaria com a sede da ONG, uma maloca, base para estadia na cidade, bem como plantio de ervas medicinais e outras plantas para alimentação de subsistência e a casa de parto.

Todo o projeto arquitetônico foi desenvolvido de forma participativa em conjunto com os indígenas e colaboradores da ONG, na intenção de fortalecer a noção de pertencimento e apropriação do espaço por parte dos seus participantes, principalmente dos indígenas, das parteiras e gestantes.

O trabalho é resultado da convivência ao longo de uma semana de imersão junto ao grupo, durante a qual foram realizadas diversas oficinas de desenho e projeto, além do início da capina e preparação do terreno para receber suas primeiras estruturas. Foi possível observar as diferentes maneiras e formas de relação dos Sateré com o espaço que os rodeia e a natureza que se faz tão profunda através deles.

No sentido de buscar uma relação também existencial com o ambiente que os rodeia, sendo esse o principal suporte para a proposta do projeto arquitetônico, encontrou-se na fenomenologia o viés necessário para se obter uma leitura mais sensível das necessidades e abordagens a seguir ao longo do processo de concepção inicial do espaço e do ambiente que ali será construído. Buscando compreender como se dá a relação homem-ambiente a partir de uma “relação visceral com a Terra” (Dardel, 2011).

A cidade de Maués encontra-se às margens do rio Maués-Açu; porém, os indígenas que nos acompanharam em toda a trajetória são habitantes do rio Maraú, onde vivem comunidades que estão até um dia de viagem de distância até a sede do município. Assim, é de extrema importância que o espaço projetado seja um lugar de acolhimento e estadia para as gestantes, suas parteiras e possíveis parentes, que venham ao local em busca de suporte e cuidados, bem como a possibilidade de ter seu filho de forma segura, mantendo ainda suas

[https://doi.org/10.20873/ago2024\\_5](https://doi.org/10.20873/ago2024_5)



tradições.

Pensando na importância de o espaço projetado ser um lugar mais próximo de suas formas de habitar, o projeto arquitetônico foi pensado inicialmente com o grupo. Assim, o lugar projetado vai ao encontro de suas formas tradicionais de habitar e morar, respeitando materiais e conhecimentos provindos da sua experiência cotidiana com a floresta, seus insumos e seus mitos. Segundo Yi-Fu Tuan, geógrafo e filósofo fenomenólogo sino-americano, o meio ambiente afeta as pessoas que ali vivem e define como será o ambiente construído naquele espaço, definindo as relações sociais e pessoais. Podemos ainda complementar essa proposição a partir de Dardel (2011), quando afirma que, a forma mais importante de espaço construído está ligada ao habitat do homem.

Isso é reforçado por Tuan (2013, p. 133) ao afirmar que:

Construir é uma atividade complexa. Torna as pessoas conscientes e as leva a prestar atenção em diferentes níveis: ao nível de tomar decisões pragmáticas; de visualizar espaços arquitetônicos na mente e no papel; e de comprometer-se inteiramente de corpo e alma, na criação de uma forma material que capture um ideal. Uma vez alcançada, a forma arquitetônica é um meio ambiente para o homem.

Com a floresta, esses povos convivem e a experienciam em sua totalidade – não territorial, mas sensível –, tiram seu sustento, constroem suas casas, sua família e seu lar, seu habitar. Segundo Dardel (2011, p. 31), o homem se exprime espacialmente como construtor de espaços e deixa “inscrita no solo e na paisagem, a própria concepção do homem, sua maneira de se encontrar, de se ordenar, como ser individual ou coletivo”. A paisagem amazônica transcreve a inserção do seu habitante no mundo, onde homem, floresta e rio se fundem, construindo a paisagem e também formando-se através dela, produzindo a cultura material dessa região tão complexa do Brasil.

Assim, a pesquisa aqui descrita teve como principal objetivo demonstrar possibilidades para a produção de uma arquitetura fenomenológica, tendo como base principal a compreensão do conhecimento tradicional e da percepção ambiental de povos tradicionais, como pontos de partida essenciais para o desenvolvimento de espaços a partir da arquitetura vernacular, a qual Holzer (2008, p. 161) define como “arquitetura produzida na região, que tem como características vinculadas as atividades econômicas e ao ambiente físico onde está situada. Tais características são geradas por uma paisagem que também a geram”.

Levando em conta Cosgrove (1998, p. 99), ao falar da intervenção humana na

[https://doi.org/10.20873/ago2024\\_5](https://doi.org/10.20873/ago2024_5)



paisagem e no ambiente, afirma que “tal intervenção deve ser ressaltada, não é indiferente, exploradora ou destrutiva, mas uma relação que harmonizaria a vida humana, com ordem ou modelo inerente da própria natureza”.

## 2 A FENOMENOLOGIA PARA PENSAR FORMAS DE HABITAR

Nossos aportes metodológicos encontram na fenomenologia o suporte necessário para que se faça possível esse estudo. Isso se deu a partir do momento em que se percebeu a necessidade de estabelecer uma relação menos tecnicista com as pessoas com as quais se desenvolveu o projeto. Visto que, por serem em sua maioria indígenas da etnia Sateré-Mawé, o pensamento técnico-científico clássico não se aplica com tanta facilidade, pois suas interpretações de mundo são diferentes da lógica cartesiana seguida no mundo ocidental, em sua maioria eurocêntrica. Sendo assim, foi necessário buscar outra forma de ver e experienciar suas realidades.

Partiu-se então do método fenomenológico, onde campo e teoria se misturam e as possibilidades de caminhos e clareiras (inclusive as do ser) estão abertas, se abrem para o pesquisador a partir das experiências de mundo-vivido formadas principalmente a partir das relações dos sentidos e de percepção.

A fenomenologia nos aponta proposições radicais para fazer ciência, proposta pelo filósofo e matemático alemão Edmund Husserl, na qual busca o retorno das “coisas a elas mesmas” em que vemos “a consciência como o entrelaçamento das vivências psíquicas empiricamente verificáveis numa unidade de fluxo de vivência” (Stegmüller, 1997, p. 68).

Dentre os principais fenomenólogos aqui trabalhados para dar base a essa pesquisa, estão Yu-Fu Tuan, Martin Heidegger, e a compreensão de mundo como uma relação visceral entre homem e natureza apontada por Eric Dardel, percebida através de todos os nossos sentidos que se apresentam materializadas na maneira como conformamos o espaço. Além disso, estudiosos que buscaram compreender a arquitetura com um olhar fenomenológico, como Christian Norberg-Schulz e Juhani Pallasmaa, bem como estudiosos da eco-fenomenologia como Ted Toadvine e Brown (2003, p. 12), os quais, confirmando nossa escolha, afirmam que:

A fenomenologia abre um espaço para o exame interdisciplinar de nossa relação com a natureza, para um escrutínio da construção histórica e institucional do papel "natural" e até mesmo do papel que este conceito desempenha na formação de nossas identidades culturais e de si mesmo.

[https://doi.org/10.20873/ago2024\\_5](https://doi.org/10.20873/ago2024_5)



Desde o seu ponto de partida, a inexperiência, a fenomenologia oferece um horizonte aberto para a exploração de todas as facetas da nossa relação com a natureza, fora dos limites descritivos prescritos. Ao fazê-lo, a fenomenologia possibilita, talvez pela primeira vez, que o pensamento filosófico exprima e atenda a toda a gama de nossas experiências naturais.

A partir dessas proposições e de nossa imersão no campo, entendeu-se a essencialidade da percepção ambiental e a compreensão da paisagem e do ser no mundo para esse construir intrínseco do ser humano e necessário ao desenvolvimento sustentável, buscando um retorno à natureza como princípio para o pensar projetual arquitetônico em conjunto com os indígenas com os quais nos relacionamos ao longo do trabalho de campo.

Como ferramentas metodológicas, foram realizadas oficinas de projeto arquitetônico para a compreensão do programa de necessidades e estudos iniciais, além de uma maquete de um dos itens que será construído no terreno. Houve também vivência e observação participativa durante o primeiro mutirão para a limpeza da capoeira e abertura de clareiras para a construção das primeiras estruturas e compreensão do terreno. Vale ressaltar que o terreno se situa na floresta, daí a necessidade de abrir clareiras com cuidado para não maltratar o entorno.

Não foram realizadas entrevistas quantitativas ou de perguntas objetivas devido à dificuldade encontrada na comunicação, visto que a maioria dos indígenas com os quais convivemos compreendem, mas não falam português, mantendo o Sateré como sua língua originária. A tradução para ambas as línguas ficava a cargo de alguns indígenas que compreendiam e falavam melhor a língua portuguesa. Além disso, notou-se a necessidade de uma relação mais interpessoal do que “pesquisador e objeto” para que se pudesse captar o modo sensível de experienciar o mundo dos Sateré-Mawé (Figura 1).

[https://doi.org/10.20873/ago2024\\_5](https://doi.org/10.20873/ago2024_5)

Foto 1 - Primeira reunião com os indígenas Sateré-Mawé, para definição do programa de necessidades e ideias iniciais para a construção.



Foto: Autoria própria (2018).

Além dessas ferramentas, a fotografia também serviu como instrumento para o entendimento da relação com a paisagem e para ampliar a observação das atividades cotidianas, assim como seu modo de se apropriar do ambiente.

### 3 DESCRIÇÃO E OLHAR EM CAMPO: ABRINDO CLAREIRAS

Após aproximadamente 18 horas de viagem, a depender da estação do ano (cheia ou vazante do rio), saindo da cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas, chega-se a Maués pelo porto principal, localizado na sede do município. O município de Maués está localizado no sul do estado do Amazonas, na divisa com o Pará. Nosso contato inicial seria com a ONG Mama Ekos, cujo trabalho está voltado para as parteiras tradicionais da região, em geral indígenas Sateré-Mawé, a etnia de maior quantidade na região e base inicial do trabalho de campo no qual essa pesquisa ocorreu.

[https://doi.org/10.20873/ago2024\\_5](https://doi.org/10.20873/ago2024_5)



Como arquiteta e cientista ambiental, fui incumbida da realização do projeto arquitetônico da sede da ONG, que deveria também ter um espaço para receber parteiras, gestantes e artesãs, buscando valorizar o saber tradicional, prioritariamente voltado para a maternidade, mas que também envolve o conhecimento do artesanato e da medicina tradicional. Durante o trabalho, conviveu-se com aproximadamente 15 indígenas Sateré-Mawé, que se alternaram entre si a partir do terceiro dia de convívio, pois alguns iam e voltavam para suas aldeias, sendo substituídos por algum de seus “parentes” – como se tratam. Nos encontros, sempre mantinham oito presentes constantemente: uma mulher de aproximadamente 65 anos; sete homens, sendo duas crianças entre 6 e 10 anos, um adolescente em torno de 15 a 17 anos, um jovem de 25 a 30 anos, e os demais, homens entre 40 e 60 anos. Os mais velhos em suas comunidades exerciam funções de parteiros ou possuíam mulheres parteiras, sensibilizando-se assim com a causa e com o projeto.

As idades não foram mensuradas com precisão, visto que alguns deles não sabiam dizer com certeza e outros não houve oportunidade de perguntar, para não parecer de alguma forma invasivo. Dentre o grupo da vivência, estavam também um casal de artesãos, ribeirinhos.

No decorrer do primeiro encontro, fato que gerou este trabalho, foram desenvolvidas reuniões e oficinas nas quais se discutiu o saber tradicional, a fim de traçar um programa de necessidades e estudos iniciais que permitissem o processo de desenho dos espaços iniciais e a abertura das primeiras clareiras para construção. Já nesses primeiros contatos e primeiras atividades vivenciadas, observou-se a relação visceral dos indígenas com o espaço que ocupam. Dessa forma, na intenção de apresentar com mais clareza o que decorreu no campo e as atividades que deram suporte a essas observações, apresenta-se abaixo o cronograma geral de atividades (Tabela 1).

Tabela 1 – Cronograma geral das atividades

DIA	ATIVIDADES
<b>Dia 1</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Primeiro encontro;</li> <li>- Troca de saberes; conversa sobre formas de construção da forma indígena e permacultura;</li> <li>- Traçar programa de necessidades; (O que precisamos?)</li> </ul>

[https://doi.org/10.20873/ago2024\\_5](https://doi.org/10.20873/ago2024_5)



<b>Dia 2</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Geração de desenho base;</li> <li>- Confecção de maquete da maloca principal;</li> <li>- Definição de materiais (priorizando o que temos no lugar);</li> <li>- Visita breve ao terreno;</li> </ul>
<b>Dia 3 à 5</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reconhecimento do terreno;</li> <li>- Capina de capoeira;</li> <li>- Abertura de clareiras;</li> </ul>

Elaboração: Autoria própria (2018).

Nos primeiros dias foram realizadas oficinas com os Sateré, a fim de compreender quais seriam as necessidades principais do espaço a ser desenvolvido. Foram realizadas dinâmicas de *brainstorming*, nas quais se pediu que falassem sobre o ambiente “dos sonhos” para a realização das atividades relacionadas à parteira, como cuidados pré-natal, parto, pós-parto, etc. Dentre os elementos apresentados estavam: casa de parto, casa de “puxar barriga” – termo adotado para massagens, exames e ajustes da posição do feto na barriga –, produção de artesanato, produção de ervas medicinais, um ponto de rádio (visto que a comunicação com as comunidades é feita dessa maneira), área de lazer, terapias, plantio de alimentos e ervas medicinais, área de convivência (incluindo redário, cozinha comunitária e área de estar) e, por fim, a maloca grande, espaço central e multiuso.

Ao longo dessa atividade, buscou-se utilizar também desenhos produzidos pelo grupo para gerar um mapa conceitual, com o posicionamento de cada ambiente. Essa atividade, porém, não funcionou muito bem devido às dificuldades em lidar com relações de escala e proporção, possivelmente devido a uma visão de mundo que foge à cartesiana, onde a representação no papel se torna de alguma forma endurecida. Desse modo, optou-se por realizar uma dinâmica utilizando a sobreposição de sementes diversas sobre o papel, sem que estas fossem fixadas, possibilitando maleabilidade, diálogo e modificação facilitada. Isso permitiu diversas maneiras de organização espacial, gerando então um mapa conceitual de sementes, onde as maiores representam também elementos de maior tamanho e maior nível de importância do objeto a ser construído.

Foi muito interessante observar que, com a abstração da forma do objeto arquitetônico transmutado em elementos naturais, mais próprios e familiares ao cotidiano deles, quebrou-se a timidez e o diálogo se intensificou, gerando um material mais conciso e rico, como se, de alguma maneira, o grupo de trabalho tivesse sido libertado de relações de “certo e errado”,

[https://doi.org/10.20873/ago2024\\_5](https://doi.org/10.20873/ago2024_5)

deixando a experiência e o processo mais leve e palpável.

Abaixo podemos ver o resultado final do mapa de sementes, bem como o programa de necessidades gerado a partir do *brainstorming* (Figura 2).

Figura 2 - Programa de necessidades (O que precisamos?), obtido através de *brainstorming* e o resultado final do mapa conceitual de sementes.

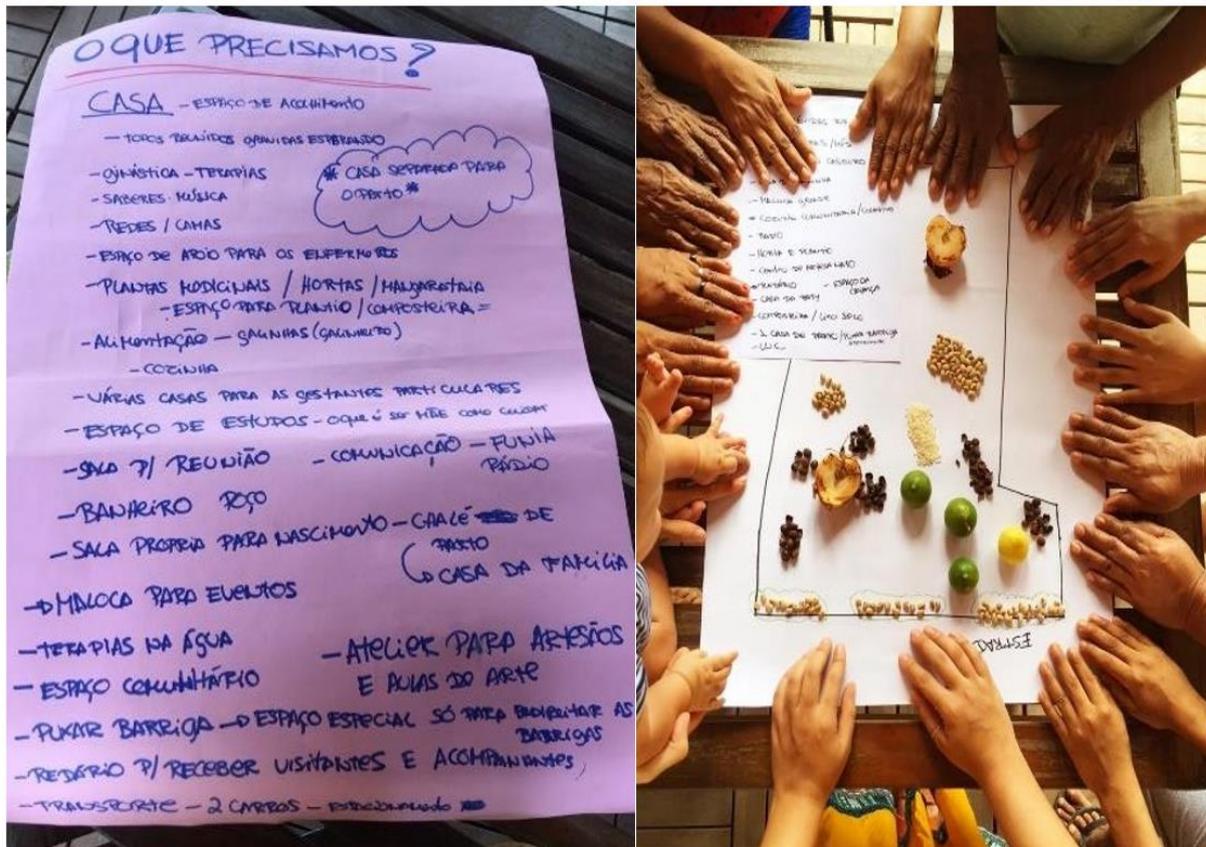


Foto: Autoria própria (2018).

No "Dia 2", seguimos as atividades de construção do mapa conceitual juntamente com a decisão de qual elemento seria construído primeiro e uma breve visita *in loco*, que já foi suficiente para que os homens percebessem as diversas árvores e vegetação que poderiam ser utilizadas na construção. Dentre as mais citadas entre eles estão: Amapá (*Parahancornia fasciculata*), cogumelos diversos (*Urupé* em Sateré), Maniwara (não identificada), Tento (*Adenantha pavonina*), Tucumã (*Astrocaryum aculeatum*), Castanheira (*Bertholletia excelsa*), Guaraná (*Paullinia cupana*), Arumã (*Ischnosiphon ovatus*), Morototó (*Schefflera morototoni*), Inajá (*Attalea maripa*) - tradicional entre as parteiras para utilização do talo como

[https://doi.org/10.20873/ago2024\\_5](https://doi.org/10.20873/ago2024_5)

instrumento de corte para o cordão umbilical - e o Lacre (*Vismia guianensis*), madeira boa para construção que foi sugerida para a confecção de caibros para o telhado, utilizado em um dos elementos construídos.

Figura 3 – Confecção de maquete da maloca principal



Foto: Autoria própria (2018).

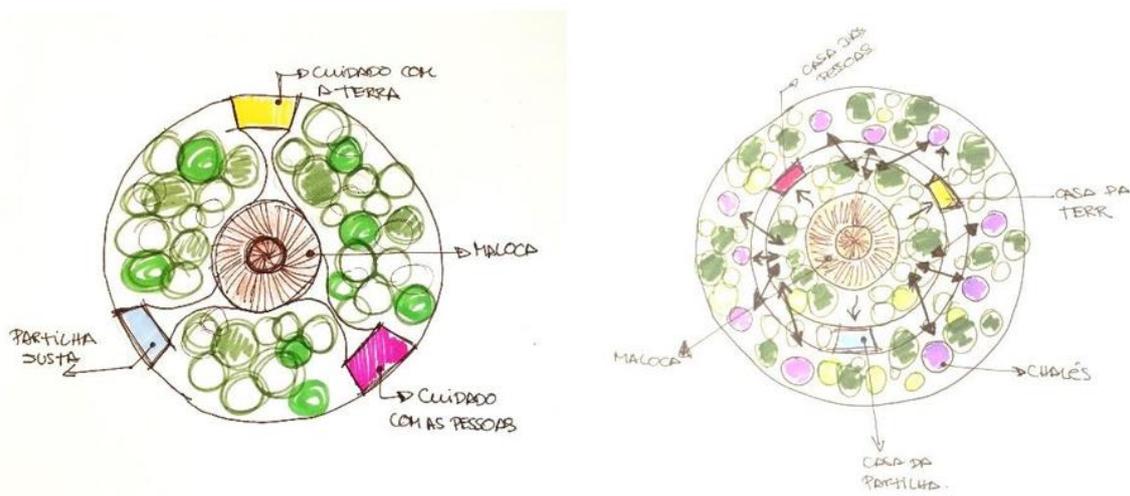
Ficou decidido, portanto, que a primeira estrutura a ser levantada seria uma maloca principal medindo em torno de 20 m de diâmetro. Devido ao fato de ser multiuso, deu-se prioridade para sua construção, que servirá de redário e alojamento inicial para abrigar os construtores e possibilitar a construção dos demais elementos.

Utilizou-se o processo de maquete, como mostrado na imagem acima (Figura 3), para facilitar a comunicação, permitindo a visualização de toda a estrutura de forma mais concreta

[https://doi.org/10.20873/ago2024\\_5](https://doi.org/10.20873/ago2024_5)

e a facilidade de trabalhar com escala, além de realizar uma quantificação inicial de materiais e seus tipos. Além da maquete, produziu-se uma ideia inicial mais concreta e concisa a partir de um croqui manual desenhado pela autora, levando em consideração os apontamentos discutidos e vinculados com alguns dos princípios da permacultura, com a intenção de guiar as primeiras locações. Ainda que de forma inicial, deixou-se a cargo dos Sateré e da sua percepção espacial finalizar o ponto de localização da maloca central.

Figura 5 – Croquis da ocupação inicial desenvolvida em mandala



Desenhos: Autoria própria (2018).

O projeto foi desenvolvido em formato circular, possibilitando melhor interação e adaptação ao terreno e com possíveis modificações provenientes das percepções dos indígenas ao longo do desenvolvimento da capina e da compreensão e leitura da paisagem. Optou-se por desenvolver um desenho que permitisse a expressão dos Sateré no terreno, sem apresentar uma forma impositiva ou dominante, para que eles se sentissem pertencentes e se apropriassem do projeto, entendendo sua contribuição e importância ao longo do processo.

No “Dia 3” iniciou-se o trabalho no terreno, que durou até o “Dia 5”. O terreno, que tem aproximadamente 500x500m, possuía mata fechada, sendo difícil entender exatamente a localização da equipe de trabalho sem um GPS. Foi quando se pôde iniciar as observações da percepção espacial dos Saterés, pois esses possuíam grande capacidade de apreensão do espaço, chegando a errar por apenas 8 cm de diferença em espaços em torno de 70 m de comprimento, identificando com facilidade os desníveis e áreas alagáveis que facilmente passariam despercebidos para uma pessoa não familiarizada com o espaço da floresta.

[https://doi.org/10.20873/ago2024\\_5](https://doi.org/10.20873/ago2024_5)



As plantas e a terra não são vistas simplesmente como vegetação ou como elementos minerais, mas sim como elementos utilitários, não como recurso lucrativo, mas como recursos que dão suporte à vida. Como Dardel (2011, p. 31) afirma:

A paisagem se unifica em torno de uma totalidade afetiva dominante, perfeitamente válida ainda que refratária a toda redução puramente científica. Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua geograficidade original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização. Presença atraente ou estranha, e, no entanto, lúcida. Limpidez de uma relação que afeta a carne e o sangue.

Ao perguntar a um dos Sateré como era possível ele saber com tanta precisão nossos movimentos ou quanto já havíamos trabalhado, a resposta foi a seguinte: “A gente sabe assim... pela mente” (Zevaldo, Sateré Mawé, 2018).

Mesmo não sabendo explicar de forma consciente, aos poucos conseguimos extrair outras informações, como por exemplo, a vegetação “que tem muita parecida por onde moro” e “por causa dos sapinhos” que aparecem em áreas alagáveis mesmo durante momentos de seca. Como afirma Bachelard (2008), toda paisagem, antes de ser um espetáculo consciente, é uma experiência onírica. São esses pequenos detalhes que comprovam uma percepção aguçada proveniente da experiência adquirida a partir do cotidiano, ou seja, do mundo vivido e experienciado que se revela fenomenologicamente, revelando o Dasein, ou seja, o “ser aí”, o “estar no mundo”, apresentado por Martin Heidegger em seu livro “Ser e Tempo” (1927).

Além disso, diversas outras percepções se apresentam extremamente aguçadas, como a facilidade de se locomover no espaço, ver animais muitas vezes camuflados e a construção de objetos que permitem a movimentação e autonomia em um ambiente de floresta. Contando apenas com um facão, é possível construir diversos elementos, de mesas a colheres de pau, com uma naturalidade intrínseca à sua própria existência (Figura 6).

[https://doi.org/10.20873/ago2024\\_5](https://doi.org/10.20873/ago2024_5)

Figura 6 – Estrutura de apoio para objetos feita apenas com galhos apoiados; colher de pau feita com lacre e um facão entalhado na hora; palha de Caraná tecida para construção de telhas



Foto: Autoria própria (2018).

Todo o processo de abertura da clareira e capina da capoeira se faz acompanhado de um elemento que se apresenta de forma quase ritualística entre os Sateré: o consumo do Çapó, uma bebida feita com base de guaraná em barra ralado e diluído em água. Essa bebida é consumida tradicionalmente na região e, segundo os Sateré, ajuda a dar força, atenção e tira a fome, permitindo que se aguarde o esforço físico com maior intensidade. Isso nos remete ao conceito de “Interioridade” trazido por Philippe Descola, em que se entende por entidades às quais são atribuídos estados mentais diferenciados, desvelados por meio de elementos totêmicos. Ou seja, alguns seres do mundo compartilham conjuntos de atributos físicos e morais que ultrapassam os limites entre as espécies, permitindo quase uma metamorfose que transcende características puramente humanas.

Ao final do “Dia 5”, a área do terreno que seria utilizada mais brevemente estava fortemente modificada, muito mais bosqueada e possibilitando uma visão mais aberta e menos adensada da floresta (Figura 7).

Figura 7 – Resultado do bosqueamento do terreno



Foto: Autoria própria (2018).

O desenvolvimento do projeto, por ora, para aqui. Na abertura da primeira clareira para a construção da “maloca grande” que será o suporte não só material, como existencial, possibilitando não apenas a construção de um objeto arquitetônico, mas de todo um universo também imaterial, relacionando homem e natureza em uma relação de pertencimento e identidade, ao valorizar os saberes tradicionais e buscar seu espaço de fala.

A identidade de uma pessoa se define em função dos sistemas de pensamento desenvolvidos, porque são eles que determinam o mundo acessível [...] Nós entendemos que a identidade das pessoas é, em boa medida, uma função dos lugares e das coisas [...]. Por isso, é importante não só que nossa ambiência possua uma estrutura espacial que facilite a orientação, mas também que esta seja constituída de objetos concretos de identificação. A identidade humana pressupõe a identidade do lugar (Norberg-shulz, 2013, p. 457).

É essa identidade que a arquitetura que propomos pretende desenvolver. E aqui nos fazemos valer das reflexões do arquiteto fenomenólogo Norberg-Shulz (2013, 453) ao afirmar que:

Os lugares construídos pelo homem se relacionam com a natureza de três formas básicas. Em primeiro lugar, o homem deseja fazer a estrutura natural mais exata. Isto é, ele quer visualizar seu “modo de entender” a natureza, dando expressão à base de apoio existencial que conquistou. Para tanto, ele

[https://doi.org/10.20873/ago2024\\_5](https://doi.org/10.20873/ago2024_5)



constrói o que viu: onde a natureza insinua um espaço delimitado, constrói uma área fechada; onde a natureza se mostra “centralizada”, ele erige um Mal [marco]; onde a natureza indica uma direção, ele faz um caminho. Em segundo lugar, o homem tem de simbolizar seu modo de entender a natureza (inclusive ele mesmo). A simbolização implica “traduzir” para outro meio um significado experimentado. Por exemplo, um determinado caráter natural é traduzido em uma construção cujas propriedades de algum modo o exprimem. O objetivo da simbolização é libertar o significado da situação imediata, por meio do que se torna um “objeto cultural”, que pode fazer parte de uma situação mais complexa ou transferir-se para outro lugar. Finalmente, o homem precisa reunir os significados apreendidos por experiência a fim de criar para si mesmo uma imago mundi ou um microcosmo, que dê concretude a esse mundo. A reunião desses significados depende, é claro da simbolização e pressupõe uma transposição de sentidos para algum lugar, que por isso assume o caráter de um “centro” existencial.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paisagem toma conta. Invade o ser. A exuberância amazônica é tamanha que nos sentimos pequenos e impotentes diante de seu tamanho. A partir desse trabalho é possível compreender o nível profundo de relação e percepção do ambiente, onde diversos elementos que para o não-indígena parecem se esconder na paisagem, para o indígena se revelam com muita naturalidade. Através dessa percepção conforma-se toda uma realidade física, materializada, estética, social, simbólica, cognitiva e econômica de toda uma sociedade. A perda desse sentido de observação e convívio com a natureza gera uma alienação não somente arquitetônica e material, mas do próprio ser.

Os povos tradicionais utilizam seus conhecimentos sobre o seu redor para materializar seu mundo, com artefatos e construções que tornam a vida palpável. São os sentidos sendo ativados, mediados pelo corpo, permitindo a troca de experiência com o mundo. Isso carrega consigo uma herança extremamente valiosa, que é a expressão de toda uma cultura. Assim, a percepção ambiental dos diversos povos através dos tempos ensina e conta histórias, não só coletivamente, mas também as histórias individuais de cada um. Suas ações cotidianas estão interligadas com a natureza e o ambiente que os envolve, de tal modo que seria impossível não apreciá-los, ainda que de maneira inconsciente.

Para a arquitetura - e as ciências em geral - entretanto, a discussão e compreensão da percepção ambiental (e da percepção ambiental do outro) podem ser extremamente importantes. Só a partir de uma maior compreensão dessa percepção será possível

[https://doi.org/10.20873/ago2024\\_5](https://doi.org/10.20873/ago2024_5)



pensarmos em uma arquitetura apropriada para nosso lugar, para o nosso século e, mais importante, para o nosso ser. Sem esquecer da relação profunda que possuímos com o lugar, ou nosso microcosmos, como propõe Bachelard (2008).

---

A autora declarou não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

---

## 5 REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 242p.
- BROWN, C. S.; TOADVINE, T. **Eco-phenomenology**: Back to Earth itself. New York: State University of New York Press – SUNY Press, 2003. 278p.
- COSGROVE, D. A geografia está em toda parte. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 84-91.
- DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza e realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. 176p.
- HEIDEGGER, M. **"Ser e tempo"**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. 600p.
- HEIDEGGER, M. Construir, habitar, pensar. In: HEIDEGGER, M. **Ensaios e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 125 - 142.
- HOLZER, W.; ALCANTARA, V. Paisagem vernacular: aldeamentos salineiros. **Revista Poiésis**, n. 12, p. 89-100, nov. 2008. Disponível em: < <https://doi.org/10.22409/poiesis.912.89-100>>. Acesso em: 10 abr. 2024.
- NORBERG-SCHULZ, C. **Genius Loci**: Towards a phenomenology of architecture. Londres: Academy Editions, 1980. 216p.
- NORBERG-SCHULZ, C. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, K. (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**. São Paulo: Cosac Naify, 1995. p. 443-460.
- STEGMÜLLER, W. **A Filosofia contemporânea**: introdução crítica. São Paulo: EPU, 1997. 924p.
- TUAN, Y.-F. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013. 248p.

Recebido em: 15/04/2024

Revisado em: 08/08/2024

Aceito em: 14/08/2024